

TALES FARIA

Jornalista e comentarista de política

A crise já impôs mudança no STF

Foi em um discurso em 1959, na cidade de Indianapolis antes de se eleger presidente, que John Fitzgerald Kennedy, então senador por Massachusetts, nos EUA, apareceu com um dos mais difundidos clichês contemporâneos repetido anos a fio pelos livros de autoajuda. Kennedy disse que o termo chinês weiji, que significa “crise”, é formado pela junção de dois ideogramas, um que representa perigo e outro que expressa oportunidade.

O certo era traduzir o segundo ideograma como “ponto de mudança”, “momento crucial” ou “ponto de inflexão”. É esse significado, real, que mais se adapta ao que está sendo vivido agora pelo Supremo Tribunal Federal (STF). A crise provocada pelos ministros é um momento perigoso, mas crucial, que pode se transformar num ponto importante de mudança para a Corte.

Por conta da crise, foi marcada para terça-feira, 15, uma sessão plenária do STF em que dois grupos antagônicos de ministros se enfrentarão, a princípio, publicamente: o Grupo de Alexandre de Moraes e o de André Mendonça. Ambos com acusações mútuas de envolvimento com o ex-dono do banco Master, Daniel Vercaro, e de favorecimento às candidaturas presidenciais de Flávio Bolsonaro (PL) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Contra Moraes, pesam o contrato do escritório de advocacia da sua esposa com o banco Master e mensagens do celular do então proprietário do banco pedindo ajuda ao ministro. Contra Mendonça, os vazamentos supostamente seletivos para atingir o colega, além de prejudicar a campanha pela reeleição do presidente Lula.

Mendonça tem o apoio de Luiz Fux e Nunes

MÁRCIO COIMBRA

CEO da Casa Política e Presidente-Executivo do Instituto Monitor da Democracia

Geopolítica da Transição

O sistema internacional atravessa uma reconfiguração estrutural profunda. A crescente disputa por hegemonia entre Estados Unidos e China, aliada ao imperativo de transição energética e à corrida pela soberania em inteligência artificial, redefiniu os eixos do poder global. Nessa nova arquitetura geopolítica, a segurança energética e a disponibilidade de insumos tecnológicos deixaram de ser meros temas econômicos e passaram a constituir elementos centrais da alta estratégia dos Estados. O Brasil encontra-se diante de uma encruzilhada histórica: não como espectador passivo, mas como um ator pivotal. A questão premente que se impõe à diplomacia e às elites políticas do país é saber se teremos a maturidade estratégica para negociar nosso futuro com altivez ou se repetiremos o erro histórico do alheamento frente às grandes transformações internacionais.

As evidências empíricas e geoeconômicas demonstram que o Brasil reúne condições ímpares para alterar qualitativamente sua inserção no cenário global. Enquanto os centros tradicionais de poder enfrentam complexos dilemas para descarbonizar suas matrizes e suprir a crescente demanda computacional dos centros de dados de inteligência artificial, o Brasil apresenta um ativo de inestimável valor diplomático: aproximadamente 88% de sua geração elétrica provém de fontes limpas e renováveis, contra uma média global que mal supera o patamar de 30%. Essa assimetria positiva confere ao país uma vantagem competitiva e negociadora sem paralelo para a atração de indústrias de ponta e infraestrutura de tecnologia crítica.

No plano geológico, a convergência entre transição

Marques. Moraes conta com Gilmar Mendes, Flávio Dino, Dias Toffoli e, eventualmente, Cristiano Zanin. Ficam a cargo do presidente da Corte, Edson Fachin, e da única mulher, Cármen Lúcia, os votos decisivos.

Fachin, até então um presidente atropelado e desrespeitado pelos demais ministros, passou a ter poder de fato. É ele quem define a pauta e é ele quem arbitra agora o ritmo e com quem ficam os inquéritos.

Além de ter marcado para terça-feira a sessão, mesmo sabendo das resistências que poderão adiar uma decisão, ele já determinou que a pauta será exclusivamente a petição 16.662, do relatório de Mendonça e da Polícia Federal sobre mensagens entre o empresário Daniel Vercaro e o ministro Alexandre de Moraes.

Fachin recusou agendar uma sessão conjunta para avaliar ao mesmo tempo as condutas dos dois protagonistas da crise. Moraes havia feito o pedido alegando ser inviável a deliberação sobre o seu caso sem um debate sobre as ações de Mendonça.

O presidente do STF insistiu que os dois casos têm que ser analisados em sessões separadas porque “possuem contornos e objetos bem delineados” e assim são preservados “os limites” do que será submetido ao plenário. Além disso, ele assumiu a relatoria da discussão sobre a relação entre Moraes e Vercaro e determinou a remessa à Presidência da Corte dos processos relacionados às fraudes do INSS e do banco Master.

A sessão tem tudo para se tornar o auge de uma crise que provocará grandes mudanças. De saída, já deu novo status ao presidente da Corte. Fachin, de inexpressivo, passou a decisivo. E ele mostrou, na prática, que sempre teve razão ao defender a adoção de um Código de Ética para impor limites na conduta dos ministros do Supremo.

tecnológica e segurança de suprimentos transforma nosso subsolo em um vetor de projeção de poder. O Brasil possui a segunda maior reserva mundial de terras raras — estimada em mais de 21 milhões de toneladas —, além de deter mais de 90% das reservas globais de nióbio e depósitos altamente estratégicos de lítio de alta pureza no Vale do Jequitinhonha, além de expressivas jazidas de níquel e cobre. Insumos dessa natureza constituem o cerne das cadeias de valor dos semicondutores, veículos elétricos, turbinas eólicas e sistemas de defesa de última geração. Deter a posse desses recursos significa possuir as alavancas do novo arranjo produtivo mundial.

Sob a ótica da diplomacia econômica, o desafio fundamental é superar de forma definitiva o modelo tradicional de exportador primário. Negociar com Washington, Pequim ou Bruxelas exige abandono da passividade em favor de uma estratégia soberana e pragmática: o acesso aos recursos e ao mercado brasileiro deve estar condicionado à transferência efetiva de tecnologia, adensamento das cadeias produtivas locais e processamento de valor agregado em território nacional. Trata-se de instrumento político para consolidar a autonomia industrial e tecnológica do país.

O Brasil dispõe dos elementos necessários para sentar-se à mesa das grandes potências não como fornecedor de commodities, mas como formulador geopolítico. Infelizmente, cabe aos nossos líderes políticos, que estão muito aquém desta tarefa, desenhar um projeto de Estado denso e articulado, capaz de converter nosso potencial estratégico em influência diplomática concreta e desenvolvimento real. Neste ponto reside o grande desafio das próximas gerações. Sem lideranças de qualidade, perderemos a corrida geopolítica desta transição, nos tornando mais uma vez expectadores da nova ordem que se desenha.

EDITORIAL

El Niño: quando a previsão já é um alerta

As previsões climáticas não são capazes de dizer exatamente onde cairá a próxima chuva forte, qual cidade enfrentará uma enchente ou quando ocorrerá uma seca severa. Mas elas conseguem indicar tendências, probabilidades e cenários de risco. E, quando a probabilidade de um El Niño muito forte supera os 90%, como apontam as estimativas mais recentes, ignorar esse sinal deixa de ser cautela e passa a ser irresponsabilidade.

O problema, portanto, não está apenas no fenômeno climático que se aproxima. Está na capacidade do poder público de transformar informação em prevenção. Estudos, modelos meteorológicos e sistemas de monitoramento existem justamente para que governos tenham tempo de se preparar. Se a ciência consegue antecipar riscos, não faz sentido que as autoridades esperem a ocorrência de uma tragédia para começar a agir.

O El Niño pode alterar padrões de chuva e temperatura e produzir consequências diferentes entre as regiões brasileiras. Isso significa que prevenção não pode ser uma medida genérica. É preciso considerar os riscos de cada território, revisar sistemas de drenagem, estruturas de contenção, redes elétricas, abastecimento de água, produção agrícola, estradas e mecanismos de resposta a emergências.

Também é necessário olhar para a infraestrutura que já existe. O fato de uma obra ter sido adequada às condições climáticas de décadas atrás não significa que continuará preparada para os extremos que podem ocorrer hoje. O próprio Ibama passou a recomendar que os riscos associados ao El Niño sejam considerados no licenciamento de hidrelétricas, portos e linhas de transmissão. É um reconhecimento importante de que prevenção precisa começar antes mesmo da construção de determinadas estruturas.

Outro ponto fundamental é a comunicação com a população. Alertas meteorológicos precisam chegar de maneira rápida, clara e confiável às pessoas que vivem em áreas de risco. Mas não basta enviar uma mensagem quando a tempestade já está sobre a cidade. É preciso orientar previamente, preparar comunidades, testar protocolos e deixar claro o que deve ser feito diante de uma situação de emergência. Diante de uma probabilidade superior a 90%, a pergunta mais importante já não deveria ser se o El Niño será muito forte. Deveria ser se o país estará preparado caso ele realmente seja.

OPINIÃO DO LEITOR

Parabéns Rubinho

Uma memória especial! Em Monza, há 17 anos, a bandeira do Brasil apareceu no lugar mais alto do pódio de uma corrida de Fórmula 1 pela última vez até hoje. Parabéns Rubinho Barrichello, é do Brasil!

José Ribamar Pinheiro Filho, Brasília - Distrito Federal

Contribuições por e-mail: endereço@correiodamanha.net.br

Correio da Manhã

FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) Paulo Bittencourt (1929-1963) Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)		
www.cm.com.br		
Publisher CLÁUDIO MAGNAVITA redacao@correiodamanha.com.br		
REDAÇÃO Affonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial) Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil		
EDITORIA DE ARTE Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)		
TELEFONES (21) 2042 2955 Whatsapp: (21) 97948-0452 (11) 3042 2009 (61) 4042-7872		
RIO DE JANEIRO Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520 Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057	BRASÍLIA ST SIBS Quadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes Brasília - DF CEP 71736-20	SÃO PAULO Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200 Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13026-510
Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal		